

IDOSOS EM CONVÍVIO COM ANIMAIS DOMÉSTICOS**CAMILA THOMSEN LEAL¹; KARLA PEREIRA MACHADO²; ELAINE THUMÉ³**¹*Universidade Federal de Pelotas – camithomsen@hotmail.com*²*Universidade Federal de Rio Grande – karlamachadok@gmail.com*³*Universidade Federal de Pelotas – elainethume@gmail.com***1. INTRODUÇÃO**

O envelhecimento da população é um fenômeno mundial, constituindo-se os idosos a parcela da população que mais cresce em todo o mundo. Ao final da década de 60, com a queda da mortalidade, aumento da expectativa de vida e o rápido declínio da fecundidade, iniciou-se um processo de desestabilização da estrutura etária da população brasileira (ALVES; LEITE; MACHADO, 2008; BRASIL, 2007).

No Brasil, o envelhecimento populacional tem ocorrido de forma rápida e intensa. Essas mudanças acarretam demandas crescentes para o indivíduo, a família, a comunidade e os diversos setores da sociedade. Neste contexto, o conhecimento do estado de saúde do idoso é importante para as políticas de saúde, pois auxilia os planejadores na elaboração de estratégias específicas a essa população (MALTA; PAPINI; CORRENTE, 2013; BRASIL, 2007; FLECK; CHACHAMOVICH; TRENTINI, 2003).

Muitas morbidades acometem os idosos como as doenças crônicas não transmissíveis, diabetes e hipertensão. Além dessas desordens, os transtornos mentais são patologias frequentes, ocorre em torno de 25% da população senil, e estão entre quatro das dez principais causas de incapacidade no mundo todo. No Brasil, as doenças mentais estão entre os principais motivos de aposentadoria por invalidez na Previdência Social (PEREIRA *et al*, 2015; ROMBALDI *et al*, 2011).

Uma destas doenças é a depressão, um distúrbio afetivo com grande comprometimento funcional e tem uma prevalência crescente, acarretando diversos fatores negativos na vida do indivíduo e pode afetar qualquer faixa etária, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais, gerando inúmeros problemas de Saúde Pública. Os idosos demoram a identificar os sintomas, pois acreditam que as primeiras manifestações são atitudes características da idade. (CLEMENTE; FILHO; FIRMO, 2011; PEREIRA *et al*, 2015; ROMBALDI *et al*, 2011). O tratamento para a depressão em suma é medicamentoso, mas existem terapias alternativas para auxiliar na melhora, como atividade física, terapia cognitivo comportamental, atividade e terapia assistida por animais (LOBO *et al*, 2012).

Os animais se tornaram figuras presentes no domicílio, e vai além de um animal de estimação, são tratados como parte da composição familiar. Os animais além de companhia estimulam a responsabilidade, promovem o bem estar e amor incondicional. Estudos relatam que idosos institucionalizados que mantém convívio com animais domésticos apresentam menor índice de depressão e apontam diversos benefícios (HEIDEN; SANTOS, 2012, STUMM *et al*, 2012).

Apesar da importância desse convívio doméstico de animais com idosos e os benefícios que trazem, ainda é um assunto pouco abordado na literatura, portanto este trabalho tem como finalidade analisar a prevalência de idosos com depressão em convívio de animais domésticos.

2. METODOLOGIA

A partir do estudo transversal de base populacional, em área urbana de abrangência dos serviços de atenção básica à saúde, intitulado Saúde do Idoso: situação epidemiológica e utilização de serviços de saúde em Bagé – RS, realizado em 2008, no município de Bagé. O estudo foi submetido e aprovado no Comitê de ética em pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel, sob ofício no15/08.

A amostra foi selecionada a partir das unidades básicas de saúde de Bagé, na época da coleta dos dados, o município dispunha de 20 unidades na zona urbana, das quais 15 eram Unidades Saúde da Família (USF) e 5 Unidades Básicas Tradicionais (UBS). Todas as pessoas com 60 anos ou mais de idade, que residiam nos domicílios selecionados, fizeram parte da amostra elegível e foram convidados a participar da pesquisa. Ao final, foram individualmente entrevistados 1.593 idosos.

Foi analisada a resposta dicotómica para a questão “O (a) Sr. (a) tem algum animal de estimação em sua casa?”, correlacionada com as variáveis independentes: dados socioeconômicos, rede apoio, autopercepção de saúde, capacidade funcional e depressão.

Foi realizada análise descritiva e calculado os valores-p através do teste Exato de Fisher. A análise dos dados foi realizada no programa Stata 14.0®.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise bruta dos dados, foram entrevistados 1.593 idosos, destes a maioria eram do sexo feminino (62,8%; n= 1.000), apresentavam idade entre 60 e 74 anos, 17,6% (n= 280) moravam sozinhos, 33,8% eram viúvos.

Ao analisar o desfecho segundo as variáveis morar sozinho e idade mostraram-se estatisticamente significativas ($p<0,001$) apresentando 60% da prevalência de idosos que moravam sozinhos e tinham animais de estimação , já os idosos mais velhos com 75 anos ou mais foram os que tiverem menor prevalência de animais domésticos (60,2%), pois nessa faixa etária necessita-se de maiores cuidados devido a diminuição da funcionalidade, da independência e autonomia, e muitos cuidadores acreditam que o animal de estimação seria mais uma responsabilidade a ser atribuída a eles (STUMM et al, 2012).

Dos 69% que referiram ter animais de estimação, 63,5% (n=168) auto referiram depressão sendo estatisticamente significativa ($p=0,05$) e 64,7% (n=176) foram avaliados com depressão através da Escala de Depressão Geriátrica, não mostrando diferença estatística. Um estudo realizado em uma instituição de longa permanência mostrou que 76% (n= 1244) dos idosos mostraram alguma reação positiva durante o convívio com animais (PEDROSA et al, 2010).

Uma pesquisa realizada na cidade de São Bento do Sul em Santa Catarina aplicou o questionário com 51 idosos no quais conviviam com animais domésticos, e a mudança mais expressiva relatada por eles, foi a mudança no humor, tornando-os mais alegres e felizes. Do grupo entrevistado, 12% deles que após a chegada do animal diminui o sentimento de solidão através da companhia Os animais de estimação provocam mudanças na vida dos idosos e a maioria dos idosos, mais de 70% deles, os consideram membros da família, os idosos os tratam como filhos e, além disso o animal representa segurança para os idosos, pois eles não são ambivalentes. (HEIDEN; SANTOS, 2012).

4. CONCLUSÕES

Podemos observar que pessoas que autorreferiram não ter depressão foram as que mais tinham animais domésticos. O convívio com os animais traz diversos benefícios, entre eles estão o exercício de responsabilidades, diminuição do estresse, diminuição da dor e ansiedade, aumento de endorfina, melhora o relacionamento interpessoal e facilita a comunicação entre o paciente e o profissional de saúde (STUMM et al, 2012). No tratamento da depressão o animal é um grande aliado, diminui a sintomatologia da depressão, minimiza o isolamento social, aliviando os sintomas através da companhia, reduz os sentimentos de tristeza, auxilia na manutenção da saúde física e mental, e fornece afeto incondicional (RODRIGUES et al, 2012; HEIDEN; SANTOS, 2012).

No entanto, o convívio com animais requer cuidados que, se ignorados, podem trazer consequências indesejadas como doenças, riscos de mordidas, acidentes de trânsito, poluição ambiental e o desenvolvimento de fobias por animais (GIUMELLI; SANTOS, 2016). Para que os idosos obtenham benefícios da convivência com animais de estimação é necessário, que eles gostem do animal de estimação.

Portanto, é necessário que se faça outros estudos a cerca do assunto, para identificar se as pessoas deprimidas melhoraram dos sintomas de depressão após adquirirem o animal de estimação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, L. C.; LEITE, I. C.; MACHADO, C. J. Perfis de saúde dos idosos no Brasil: análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2003 utilizando o método Grade of Membership. **Caderno de Saúde Pública**, v. 24, n. 3, p. 535 -546, 2008.
- _____, Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**, p. 192, 2007.
- CLEMENTE, A. S.; FILHO, A. I. L.; FIRMO, J. O. A. Concepções sobre transtornos mentais e seu tratamento entre idosos atendidos em um serviço público de saúde mental. **Caderno de Saúde Pública**: Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 555-564, 2011. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v27n3/15.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2016.
- FLECK, M. P. A; CHACHAMOVICH, E. ; TRENTINI, C. M. Projeto WHOQOL-OLD: método e resultados de grupos focais no Brasil. **Rev. Saúde Públ.**, v.37, n. 6, p.793-799, 2003.
- GIUMELLI, R. D.; SANTOS, M. C. P Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Rev. abordagem gestalt**: Goiânia, v. 22, n.1, jun., 2016.
- HEIDEN, J.; SANTOS, W. Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para os idosos. In: SEMINÁRIO INTEGRADO DE PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (SIPEX). **Ágora: revista de divulgação científica**, 2009, v. 16. Disponível em: www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/download/138/216. Acesso em: 21 abr 2016.
- MALTA, M. B.; PAPINI, S. J. ; CORRENTE, J. E. Avaliação da alimentação de idosos de município paulista – aplicação do Índice de Alimentação Saudável. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.18, n.2, p.377-384, 2013.
- PEDROSA, T. N. et al. Ação Saúde: a universidade levando informação à rádio comunitária. **Rev. Ciênc. Ext.** v.6, n.2, p.16, 2010.

ROMBALDI, A. J.; SILVA, M. C.; GAZALLE, F. K.; AZEVEDO, M. R. HALLAL, P. C. Prevalência e fatores associados a sintomas depressivos em adultos do sul do Brasil: estudo transversal de base populacional. **Revista brasileira de epidemiologia**: São Paulo, v.13 n.4, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2010000400007>> Acesso em: 05abr. 2016.

STUMM, K. E.; ALVES, C. N.; MEDEIROS, P. A.; RESSEL, L. B. Terapia assistida por animais como facilitadora no cuidado a mulheres idosas institucionalizadas. **Revista de Enfermagem UFSM**, v. 2, n. 1, p. 205-212, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/2616>> Acesso em: 10 jun 2016.

YESAVAGE, J.A. Degree of dementia and improvement with memory training. Clinical Gerontologist, London, Clinical Gerontologist v. 1, p. 77-81, 1982.